

Porta de Aviz em Evora

O auctor da *Evora Gloriosa*, epilogo dos quatro tomos inéditos da *Evora Illustrada* do P. Manuel Ficalho [1], tratando da antiga circumvallação d'esta cidade, diz o seguinte:

«Por gozar da fertilidade da sua campanha, foi tanta a gente que concorreu a domiciliar-se em Evora, que não cabendo no recinto dos muros, e nas ruas dos dois arrabaldes, se viu em pouco tempo a cidade cercada de muitas nobilissimas fábricas, a que serviam de castello e coroa os edificios da antiga cidade. Estas cercou depois com os muros que hoje vemos, el-rei D. Affonso v e D. Pedro i, a que ajuntou muitas torres a generosidade del-rei D. Fernando. Giram 2.902 passos na fórma seguinte: Da porta do *Rocio* á de *Reymondo*, que tomou o nome de um fidalgo eborense que tinha o seu palacio na rua visinha, 488. D'esta á de *Alconchel*, nome corrupto de *Alcoucel*, arabico, que significa *cupula*, ou *curucheo*, e o deram os moiros áquella rua, por estar n'ella uma torre com um curucheo altissimo, 300. D'esta á da *Lagôa*, que tomou o nome da que lhe ficava visinha, 352. D'esta á que tinha antigamente um *Moinho* de vento, 416. D'esta á da *Traição*, visinha ao nosso collegio (de jesuitas), 154. D'esta á de *Machede*, 262. D'esta á de *Mendo Estevens*, fidalgo que morava visinho, 190. D'esta á de *Mesquita*, por ser contigua á dos moiros, 370; e d'esta á do *Rocio*, 370..

Estes muros antigos começaram a revestir com cortinas, fossos e baluartes, D. João iv e D. Pedro ii, fabrica que hoje continúa, e fórma muito maior o ambito da cidade.»

Isto escrevia o P. Francisco da Fonseca em 1728.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Sanctuario Marianno*, t. 6., publicado em 1718, é mais explicito e melhor investigador. Oiçamol-o:

«Sendo a cidade de Evora tão grande e tão populosa, que depois da cidade de Lisboa, corte e emporio d'este reino, é entre todas a primeira, se acha que n'aquella antiga circumvallação que lhe fez ou proseguiu el-rei D. Fernando (porque ha tradição que os começou el-rei D. Diniz, porque elle fortificou muitas villas e cidades), não tinha mais que quatro portas, ou estas eram as principaes d'ella, que se viam em o circuito de seus muros, correspondentes ás quatro partes principaes do mundo, a saber: a porta de *Machede* ao oriente, a porta de *Alconchel* ao occidente, a porta de *Aviz* ao norte, e a porta do *Rocio* ao austral.»

[1] Conserva-se o authographo na sala dos mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Descreve depois todas estas portas, e as imagens de Nossa Senhora que havia sobre ellas, e a respeito da porta de Aviz, que representa a gravura junta, diz o seguinte:

«A terceira porta da cidade de Evora, que fica para a parte do norte, se intitula a porta de Aviz. Dizem que se lhe déra este nome, porque por ella saíam antigamente os cavalleiros da ordem militar de Aviz, que residiram muitos annos em Evora, nas costas da cathedral, onde ainda hoje se chama a Freiría, antes que fundassem aquella villa, em que hoje está a cabeça da mesma ordem. E porque por aquella porta começa a estrada que vae para ella, assim lhe ficou o nome. Esta porta se dedicou á rainha dos anjos Maria Santissima, com o titulo do Ó, ou da Expectação.

Tem esta porta uma saída que faz caminho a um claro fechado, em que entesta um baluarte e forte medonho, que faz frente ao nascente do sol; e no mesmo lanço do muro e porta, voltando á mão esquerda, distancia de 30 ou 40 palmos, fica outra saída e porta que faz frente para o occidente, e d'esta continúa o lanço do forte para a parte do nascente. Estes muros assentam todos ser obra del-rei D. Fernando, que morreu no anno de 1383. Parece que no mesmo tempo em que se edificaram, se fizeram juntamente sobre as portas d'elles, e principalmente nas quatro mais communs, que são as de que tratámos, de norte, sul, léste e oeste, nichos para se collocarem n'elles as imagens d'aquella Senhora, a quem esta cidade, logo na sua recuperação, fôra dedicada. Porque em todas ellas vemos serem veneradas outras tantas imagens, com a variedade de titulos que temos dito. Muitos annos devia perseverar no nicho d'esta porta a imagem de Nossa Senhora do Ó, que é a de que agora tratâmos, e vemos hoje sobre o mesmo muro, como logo diremos.

Pelo decurso dos annos, sem dúvida, porque o rigor dos tempos maltrataria a imagem da Senhora, houveram os seus devotos de a mudar, e de lhe fazer uma ermida sobre o grosso do muro, que corre por entre as duas portas referidas para a parte do occidente. E como o muro era largo, assim se fez uma ermida com seu altar e retabulo, e no meio d'elle se vê collocada a imagem da Senhora do Ó, em um nicho no meio do retabulo. Defronte lhe fica uma janella ou tribuna, que faz frente para a cidade, com grades de ferro; por esta janella póde ouvir missa da parte de fóra a gente da cidade.

No logar aonde antigamente estava o nicho (que era na primeira porta), se metteram uns cães de pedra, e sobre elles se levantaram dois pannos de tijolo, que sobem em altura de dez palmos, pouco mais ou menos, com seu arco coberto, ou arco de resguardo, e no vão se pintou a fresco, para perpetua memoria, a imagem da mãe de Deus, caminhando para o Egypto, sobre uma jumentinha com o menino Jesus recemnascido em os braços, e S. José, que vae adiante, se vê colher de uma palmeira um ramo de tamaras; e da outra parte se vê tambem uma sarça ou espinheiro, e sobre elle sentada outra imagem de Nossa Senhora, que deviam de querer alludir, com esta pintura, ao apparecimento da Senhora do Espinheiro, cuja casa e convento fica para aquella parte. E nos pannos de tijolo, que se levantaram sobre os cães, se vê da parte direita pintado, tambem a fresco, S. Sebastião; e da parte esquerda Santo Antonio, e todas estas imagens de estatura natural.

Vê-se a Senhora do Ó, como fica dito, collocada em o meio do retabulo, que é doirado, e se divide em dois corpos; no de baixo, que é o que assenta sobre o banco do altar, se vêem nas ilhargas d'elle dois quadros de pintura dos mysterios de Nossa Senhora.

É esta santa imagem tambem de roca, e de vestidos; terá cinco palmos para seis de estatura; a capella fará quinze palmos em quadro. A parte esquerda tem tambem um corpo que serve de recebimento á escada, e a uma parte d'elle a sacristia. Festeja-se em 18 de dezembro no dia de sua expectação do porto. Está com as mãos levantadas. Não consta do tempo em que se fez esta ermida, nem a mudança da Senhora: porém, se attendermos á pintura que fica referida, feita no logar do antigo nicho, tambem denota muitos annos, e se confirma, porque no anno de 1671 se reformou novamente a ermida, que é signal que n'esta era necessitava já muito aquella obra de remedio. Vê-se esta era no algarismo, debaixo da janella e tribuna referida que faz frente para a cidade. Nos domingos e dias santos se lhe diz missa, e servem á Senhora do Ó com muita devoção os visinhos, e lhe fazem a sua festa com grandeza. Tambem aqui advertimos, que a pintura, que está sobre a porta, e a reformação que n'ella se vê, fez a cidade no anno de 1484, em vida del-rei D. João II.»

A CASA DA TIA ELISA

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

Uma noite, vespera de batalha, que devia, segundo affiançavam, ser decisiva, isto é, muito mais mortifera do que as antecedentes, havia dois postos, pontos de observação, e os mais avançados do exercito francez, onde commandavam officiaes, apparentemente tão estranhos um ao outro, que se diria ter sido só por acaso de serviço militar, que se viam, pela primeira vez, de perto. E entretanto estes dois homens, que eram da mesma edade proximamente, pertenciam ao mesmo regimento, e tinham chegado ao mesmo tempo a posto egual. Nas physionomias notava-se aquelle cunho indescriptivel, mas perfeitamente caracterisado, que deixa perceber se procede do mesmo sangue, e que imprime o que se chama ares de familia; e para que esta similhança individual fosse mais completa ainda, conhecer-se-hia que um signal mais que os tornava similhantes, era o cuidado artificioso com que mutuamente simulavam não se conhecer. De sorte que, ainda antes de quaesquer informações que porventura se obtivessem a seu respeito, avaliava-se logo á primeira vista d'olhos que eram parentes.

E assim succedia na realidade. Eram irmãos; e irmãos não só pelo nascimento, mas ainda pela escolha do coração. Tinham casado com duas irmãs gemeas, primas d'elles, creaturas meigas e encantadoras, cada uma das quaes déra á luz um filho, abandonando quasi immediatamente este mundo, e não deixando após si senão amaveis recordações.

Devêra pois esta dupla alliança fraternal ligar mais ainda os dois irmãos, tão presos já pelos laços do sangue. Graças a estes titulos tão poderosos de parentesco, quantas razões excellentes poderiam concorrer para que chegassem a estimar-se, quando por desgraça não o tivessem feito desde os mais tenros annos. Mas, entre Honorato e Armando Valtier não se tratava de uma amizade difficil de nascer, pois que a sua affeição, profundissima n'outras eras, provinha de tão antiga data, que se perdia nas primeiras e vagas sensações da infancia.

Que força poderia pois quebrar o que n'este mundo devêra apresentar maior solidez? Duas fraquezas; a vaidade e o interesse pessoal.

Contemos a historia d'este inqualificavel rompimento, para que lhe aconteça o que deve succeder a tudo quanto provenha dos maus instinctos da natureza hu-

mana, isto é: haja quem o aponte para que os outros o condemnem.

Nos tempos em que os dois irmãos se extremeciam, costumavam passar os dias das festas mais solemnes da infancia, ou os dias de sueto do collegio, n'uma linda casinha situada nos arrabaldes da cidade.

Pertencia a uma senhora edosa, que fôra amiga de infancia da mãe d'elles, e a quem, apesar de não ter parentesco algum com os rapazes, lhe chamavam por amizade a tia Elisa.

As recordações mais antigas e mais agradaveis prendiam-se-lhes áquella casa, que ambos consideravam como sua; mas o que concorreu muito para lh'a tornar mais querida, foi verem mais tarde, quando já eram chefes de familia, seus dois filhos tentarem, folgando, os primeiros passos no mesmo jardim, onde elles, em tempos passados, tinham tambem aprendido a andar.

Entretanto, a tia Elisa chegára a tão avançada edade, que parecia não poder durar muito tempo; ia enfraquecendo de dia para dia, o que causava aos dois irmãos uma dolorosa inquietação, sempre que em cumprimento dos seus deveres tinham de se afastar da boa vélhinha. Mas por entre os cuidados que lhes dava a saude da tia Elisa, insinuava-se um pensamento reservado bem pouco honroso para o coração humano.

— A tia Elisa está a deixar-nos; mas a casa fica. A qual dos dois pertencerá?

— Posto que não fossem herdeiros legitimos da tia Elisa, Armando e Honorato, de tal maneira se haviam introduzido em casa, que no seu modo de ver, esta não podia sair da familia. Por conseguinte havia de pertencer a algum d'elles.

E porque não havia de ser a ambos? Como lhes não occorrêra similhante hypothese?

Uma esperança a principio timidamente concebida, foi crescendo e adquirindo, quasi insensivelmente, tanta força de dia para dia, que cada um d'elles, apartando de si a idéa de seu irmão, chegou por fim a considerar-se quasi como herdeiro exclusivo da tia Elisa. Não passava isto tudo de um sonho cubiçoso que uma palavra da tia Elisa podia fazer desvanecer, porque ainda não havia deixado escapar um dito sequer a respeito das suas ultimas vontades; quando a velha se lembrou de escrever aos militares que estavam de guarnição n'uma cidade afastada.

O tabellião da tia Elisa dirigiu a Honorato e a Armando dois bilhetes separados, mas contendo ambos a mesma phrase.

«A sua boa amiga, a tia Humbert, deseja vel-os ainda uma vez; deixa a sua casa de campo ao que chegar primeiro.»

Já o egoismo os havia posto a caminho dos maus pensamentos, quando a leitura d'este bilhete os veiu incitar mais ainda a progredir. Sem communicarem o seu projecto de partida immediata, tomou cada um d'elles caminho differente, e ambos com esperanças de se anticipar um ao outro. Esta triste lucta do interesse pessoal entre os dois irmãos deveria infallivelmente fazer com que se encontrassem ambos a bater no mesmo momento á porta da tia Elisa, se um ligeiro accidente não tivesse demorado alguns minutos a chegada de Armando Valtier. Apenas porém Honorato se aproximára da velha, annunciaram a chegada de seu irmão. A orgulhosa satisfação do que viera primeiro, soube tão mal dissimular-se como o desalento do que acudira mais tarde.

— Meu pobre Armando, disse a velha, quando viu os dois irmãos reunidos á sua cabeceira, a casa ha de pertencer a Honorato, porque veiu mais depressa; reconheço-o, mas lastimo-o.

— Porque, tia Elisa, disse Armando com alegria, contava que eu me anticipasse?

— Não, respondeu ella, esperava que viessem juntos.

Pouco tempo depois, quando a morte da tia Elisa deixou Honorato de posse da casa, este participou a seu irmão que podia contar sempre com um quarto ás suas ordens. Armando respondeu-lhe, que nem elle nem seu filho tornariam mais a pôr os pés n'aquella casa, como convidados. A sua dignidade pessoal, dizia elle, não lhe permittia que fosse hospede agradecido, d'aquelle que não podia considerar como estranho de todo ao acontecimento que o detivera no caminho. A resposta de Armando acabava com estas palavras: Os filhos vingam os paes. Tenho esperança de que, se não for na minha vida, ao menos depois da minha morte, a casa da tia Elisa virá um dia a mudar de dono, sem que por isso sáia da familia.

Desde este momento quebraram-se todas as relações entre os dois irmãos; e seus filhos, Eugenio e Augusto, que tinham já contrahido o doce habito de viverem perfeitamente reunidos, foram separados um do outro. Não se encontraram mais senão raras vezes e por acaso, quando a mesma lembrança feliz os levava a seis legoas da cidade, a casa da tia Nicolina, sua ama commum.

Voltemos agora á nossa primeira scena. Como já se disse ha pouco, os acasos da vida militar tinham feito com que Armando e Honorato commandassem, na vespera de uma grande batalha, os dois pontos de observação mais descobertos ao fogo do inimigo. Cerrára a noite, e os officiaes acabavam de encontrar-se outra vez, n'uma d'aquellas rondas incessantes que exige a severa vigilancia dos exercitos. Tinham trocado santo e senha, e depois, sem acrescentarem mais nada, iam encaminhar-se para os seus respectivos postos, a fim de se prepararem com algumas horas de somno para as terriveis provas do dia seguinte, quando ouviram um velho soldado dizer aos seus camaradas:

— Ha de aquecer lá para a madrugada. Parece-me que os que não escreverem esta noite á familia, não terão vagar tão cedo para lhe mandarem noticias. Não oiço relogio, mas posso-lhes muito bem dizer quantas são; são horas de fazer testamento; quem tiver algum cachimbo velho para deixar, vá-se aviando.

O gracejo era lugubre, entretanto fez rir os soldados. Os officiaes que iam andando, pararam. Um presentimento similhante, e a mesma sequencia de idéas, se offereceram instantaneamente ao espirito dos dois irmãos.

— Se morrer ámanhã!.. Tenho um filho. Não quero morrer sem lhe manifestar a minha vontade a respeito da casa da tia Elisa. Mas como lhe hei de eu escrever?... A quem hei de pedir os preparos que me faltam?... A elle!...

Assim fallando, era o irmão que designavam.

Uma viciosa vergonha fez com que hesitassem um momento antes de irem ter um com outro; mas como a necessidade fallava mais de rijo que a vergonha, aproximaram-se.

— Senhor Honorato Valtier, disse Armando, comprehende de certo, que n'esta occasião, pelas circunstancias excepcionaes em que nos achâmos, me veja obrigado a pedir-lhe um obsequio.

— De certo que comprehendo, e estimo immenso, porque em troca tambem posso contar com um pequeno favor da sua parte.

— Sabe quaes são as instrucções que recebi, proseguiu Armando, no posto que occupo em frente do inimigo: é expressamente prohibido accender luz esta noite.

— E a claridade das estrellas não lhe é sufficiente para escrever a seu filho, observou Honorato; não é isso que quer dizer?

— Exactamente; mas a ordem prudente que me prohibe luz, não lhe diz respeito, visto que o seu

posto está resguardado por uma elevação de terreno.

— É verdade que póde escrever no meu alojamento; mas traga tinta e papel, porque o recochete de uma bala levou pelos ares os meus utensilios.

— Não tem duvida. Tenho o necessario para escrever, o principal era poder encontrar um logar opportuno. Será ao seu favor que eu deverei esta facilidade.

— Não me ficará devendo nada, porque espero que me ha de pagar o abrigo e a luz.

— Realmente? Tambem assim o prefiro. O sr. Honorato Valtier quererá ter a bondade de me dizer se hei de pagar adiantado, e que preço reclama?

— Penna, tinta e papel necessario para poder escrever a meu filho. Conto comsigo?

— Como eu conto com a sua promessa, respondeu Armando, d'aqui a momentos espero ter a honra de me apresentar no seu quartel.

— Vou preparar-me para ter a honra de o receber, replicou Honorato, em quanto o irmão se dirigia para o seu posto.

Minutos depois de terem trocado estas palavras, o que não faziam havia muito tempo, Armando voltou a ter com seu irmão. Este, por meio de uma taboa e de algumas pedras em monte, conseguíra improvisar na sua tenda uma mesa para escrever, e dois assentos. A fraca luz de uma lanterna das rondas nocturnas esclarecia o reducto. Era pouco; este pouco, porém, era de sobejo para quem estava condemnado á obscuridade absoluta pelo rigor das instrucções.

— Seja bem vindo, disse Honorato a Armando; a secretária está prompta, faltam os aprestos, que naturalmente trouxe comsigo.

— Estou magoadissimo, atalhou Armando, pondo em cima da mesa um tinteiro e duas pennas. Por mais que procurei não pude achar senão uma folha de papel unicamente, o que mal chega, como ha de convir, para uma carta.

— Mas é preciso que chegue para duas, tornou-lhe o irmão; compromettеu-se a repartir commigo, e foi por este preço que lhe arranjei logar e luz.

— Bem sei que o sr. Honorato Valtier não era capaz de m'os conceder de graça, mesmo n'esta occasião em que tenho tanto que dizer a meu filho.

— Não deve, de certo, ter mais do que eu. E d'ahi é negocio tratado. Não se mostrava tão empenhado ha pouco em pagar o aluguer?

— E agora mesmo ainda tenho empenho, disse friamente Armando.

E para prova rasgou ao meio a preciosa folha de papel, e apresentou uma das metades a seu irmão. Mas acudindo-lhe a lembrança dos antigos tempos em que estavam costumados a repartir tudo, acrescentou:

— Como d'antes.

— É verdade, como d'antes, repetiu Honorato, commovido pela mesma recordação. Os dois irmãos olharam um para o outro; e se tivessem acrescentado uma palavra mais, ter-se-hiam reconciliado. Mas essa palavra não se proferiu. Sentaram-se á mesa, um defronte do outro, e silenciosos então, começaram a escrever. Por alguns minutos correram as pennas pelo papel. Tendo acabado, fecharam as cartas, e deram-n'as a um soldado para que as levasse á intendencia. Armando e Honorato nada mais tinham que fazer em commum; trocaram um comprimento, e separaram-se sem dizerem sequer um ao outro: Até mais ver.

II

No dia seguinte travou-se a grande batalha, que se considerava decisiva, mas cujo resultado incontestavel foi riscar d'este mundo alguns milhares de pobres creaturas, as quaes, posto que desejassem viver, deixaram-se matar com o maior denodo.

Sacrificados logo ao principio pela sua posição afastada do resto do exercito, os postos de observação foram esmagados pelo primeiro choque do inimigo. No fim da acção deram-nos todos por mortos, porque era impossivel verificar rigorosamente o caso n'um terreno dez vezes tomado e perdido n'algumas horas, sulcado de profundissimas ribanceiras, que serviram de verdadeiro asylo a um grande numero de combatentes.

Os filhos de Honorato e de Armando, não querendo acreditar ao principio na deploravel noticia do acontecimento que os reduzia á orphandade, reuniram-se de novo, e foi auxiliando-se mutuamente que esgotaram todos os meios de indagação, para chegarem a uma certeza mais favoravel a respeito da sorte de seus paes. Mas, cuidados perdidos, passos inuteis; o seu ultimo raio de esperança desvaneceu-se sem que elles deixassem de trabalhar, confiando ainda. A realidade da sua desgraça já os convencia, e accusavam-se ainda de terem muita facilidade em acreditar.

Entretanto já decorrêra mais de um anno, e nem a menor duvida sequer deveria ser-lhes permittida; mas a amargura dos seus pezares era augmentada ainda mais, por ignorarem quaes tinham sido as ultimas vontades de seus progenitores.

As cartas escriptas na vespera do combate não lhes tinham chegado ás mãos, e quando foram parar ao seu destino contavam mais de dois annos da data.

Parecerá hoje inverosimil simillhante demora; n'aquelle tempo, porém, não era para estranhar. As peripecias da guerra, os arrebatamentos da victoria, ou os desconcertos da derrota, de tal sorte embaraçavam o serviço das communicações, que as cartas que partiam do exercito eram entregues como que ao acaso, e a maior parte d'ellas ou se perdiam, ou por fortuna chegavam ao seu destino tarde e a más horas.

Quando as duas retardadas cartas foram parar a quem eram dirigidas, não encontraram os dois primos em casa. N'esse dia acontecêra que tinham saído juntos de manhã cedo para não recolherem senão ao cair da tarde. Convidados pelas seducções de um formoso dia de outono, tinham-se posto a caminho para irem fazer uma visita a Nicolina, sua ama, uma boa mulher que lhes chamava seus filhos, e a quem elles chamavam sua mãe. Foi um amigo de ambos, que tendo ido a casa de um d'elles, viu chegar as inesperadas cartas. Desejando dar-lh'as a ler o mais depressa possivel, e sabendo qual era o caminho que haviam de seguir para voltarem á cidade, encarregou-se da dupla mensagem, e foi encontral-os ao caminho á hora provavel do regresso. Esta precipitada solicitude do amigo ia fazendo quasi com que a entrega das cartas fosse adiada ainda.

Já dissemos que desde os primeiros tempos do lucto, os dois primos entraram a andar quasi sempre juntos; havia porém um sitio onde, até então, ninguem conseguíra vel-os reunidos. Era na casa da tia Elisa, propriedade, por successão, de Augusto Valtier, filho de Honorato. Eugenio, respeitando a repugnancia de Armando, seu pae, não podia decidir-se, apesar da sua boa vontade, a tornar áquella casa, origem da desunião da familia. Pela sua parte, Augusto, posto que o lastimasse, comprehendia tão bem o escrupulo filial de Eugenio, que era o primeiro a mudar de caminho, quando os passeios ao acaso os levavam em direcção á casa da tia Elisa. Queria poupar a seu primo, e poupar a si mesmo, o pezar de passarem ambos pela frente da unica habitação onde não lhes era permittido entrarem juntos. Ora exactamente á porta d'esta casa é que o amigo viera esperal-os.

Aconteceu que d'esta vez, Augusto, para evitar o rodeio de um caminho mais extenso, disse a seu primo:

— Para que nos havemos de condemnar sempre a

dar uma grande volta? Parece-me que seria acertado, d'ora em diante, seguir a estrada real.

— Como quizeres, disse Eugenio, apressemos porém o passo, porque ainda é dia claro, e vê-se por onde vamos.

— Escusâmos de apressar o passo; podiamos até descançar no caminho. Não está muito longe uma casa onde bem sabes que havias de ser perfeitamente recebido.

A este convite inesperado e cheio de tentações, Eugenio encolheu os hombros como quem queria dizer: «Tu conheces optimamente o motivo.»

— Bem te comprehendo, disse Augusto. Quando deixaram este mundo, nossos paes eram inimigos; mas agora que a desunião lhes é impossivel, quem nos assegura, que por mais de uma vez não tenham desejado que as nossas ligações estreitadas reparassem a sua inimizade?

— Effectivamente, acrescentou Eugenio, é de presumir que assim fosse; mas nada ha que nol-o prove, e na duvida...

— Na duvida!... repetiu vivamente Augusto. Quando ha supposições apenas, devemos optar pelas melhores, e creio que as que forem mais humanas de-



Um presidio no Mexico — Pag. 102

vem tambem ser as mais verdadeiras. O mundo que nossos paes habitam não admitte rancores entre irmãos. Cessemos pois de dar ouvidos a escrupulos que os devem affligir tanto a elles, quanto nos affligem a nós, e antes de chegarmos á cidade descancemos na casa da tia Elisa.

Disposto pelos proprios desejos a deixar-se convencer sem discutir, Eugenio achou tão justo o raciocinio de seu primo, que continuou a andar, dizendo a Augusto:

— Vamos a casa da tia Elisa!

Momentos depois acrescentou:

— Se lá ceassemos? Teria mais tempo para a ver por miudo.

E sem ouvir a resposta de Augusto, acrescentou:

— Está combinado, ceâmos esta noite em casa da tia Elisa.

— Até podiamos dormir lá, disse Augusto. Achavas-te ámanhã no teu quarto antigo, quando acordasses, heim? Que feliz despertar!

— Havia melhor do que isso, replicou Eugenio. Como o tempo ainda está muito agradavel, era lá ficarmos até ao principio do inverno. Está dito, mudâmo-nos para lá estes tres mezes.

— E mais tempo, se nos dermos bem: havemos de passar á maravilha, de inverno mesmo. As portas e as janellas estão bem calafetadas, os fogões são excellentes, e a lenha não falta; por conseguinte podêmos residir na casa da tia Elisa o resto do anno.

— Não te atreveste a dizer toda a vida, replicou Eugenio alegremente, pois eu completo o teu pensamento, e exprimo-o com toda a franqueza. Augusto, se torno a entrar n'aquella casa, não sáio mais de lá.

Desde que tinham continuado a caminhar, a imaginação dos dois primos andára mais depressa do que as pernas. Tendo partido com tenção de descançar alguns momentos em casa da tia Elisa, já chegavam a ponto de se imaginarem estabelecidos alli para sempre, isto ainda antes de terem passado o liminar da porta.

Mal os percebeu, bem longe ainda, o amigo que os esperava, dirigiu-se ao seu encontro. A longa demora havia-lhe proporcionado occasião de imaginar todos os rodeios precisos, para que a entrega das cartas não causasse uma commoção demasiado violenta aos filhos de Armando e de Honorato. Entretanto o abalo foi tão violento, que só lhes deixou a força bastante para podêrem chegar á porta da casa, para onde, havia pouco, se encaminhavam tão alegres. A casa da tia Elisa mesmo por fóra se mostrava hospitaleira. De cada lado da porta da entrada, um banco de pedra offerecia logar de descanço para os passageiros e viajantes afadigados. Augusto sentou-se n'um dos bancos; Eugenio, por assim dizer, deixou-se caír no outro. Por momentos ambos se conservaram com os olhos fitos nas cartas, fechadas ainda, mas que d'antemão pareciam dizer: não tens nada que esperar, visto que a data escripta dentro da carta estava repetida no sobrescripto, como chamando anticipadamente o pensamento do leitor para a occasião da remessa, e esta data indicava bem claramente que a carta fôra escripta antes da terrivel batalha.

— Animo! animo! repetiu o amigo, dirigindo-se ora a um ora a outro dos dois jovens, abatidos pelo novo golpe que lhes vinha renovar a antiga dor. Bastantes vezes tem desejado estas cartas que tanto os affligem agora. Não lastimavam tanto não terem conhecimento das ultimas vontades de seus paes? Eil-as; estão encerradas n'esses sobrescriptos; vão conhecel-as agora.

Reanimados por estas palavras, abriram com religiosa precaução as cartas, e conforme lhes annunciára o seu amigo, vieram a conhecer por ellas o derradeiro voto de seus paes. A carta de Honorato para Augusto terminava assim.

«Tens optimo coração, mas falta-te juizo prudencial; póde muito bem ser, pois, que por confiares muito nos outros, e por te descuidares de ti, te arruines, mais dia menos dia, e tenhas por conseguinte que vender a casa da tia Elisa. Essa casa, onde o orgulhoso Armando Valtier se não dignou entrar, desde que ella me pertence. Lembra-te, lembra-te, Augusto, de que eu não quero que venha a pertencer nunca ao filho do nosso inimigo. Vende-a embora, se a necessidade te obrigar a recorrer a similhante extremo, mas não seja a teu primo. Peço-t'o encarecidamente; ordeno-t'o; seja qual for a má situação em que a sorte te colloque, queima antes a casa da tia Elisa, mas não a vendas a teu primo. É esperando que cumpras esta minha ultima vontade que te dou a minha benção.»

Armando Valtier terminava por estas palavras a carta que dirigia a Eugenio.

«Tenho a firme convicção de que ha de chegar um dia, no qual os habitos dissipadores do filho do sr. Honorato Valtier o obriguem a desfazer-se da casa da tia Elisa. Não te esqueças, meu filho, de que a deves comprar. Aguarda pois o momento em que for posta á venda, e mal chegue essa occasião, faze todos os sacrificios imaginaveis para que possas ser o comprador. Só quando ella for tua, é que dirás, com verdade, que mereceste a benção de teu pae. Prohibo-te, pesa bem a gravidade d'esta determinação, prohibo-te, Eugenio, que entres n'essa casa antes do dia em que tomares posse d'ella, como legitimo e unico proprietario.

— Vês, Augusto, como elles se reconciliaram? — disse tristemente Eugenio, levantando-se, e indo apresentar a seu primo a carta de Armando.

— Agora tambem o sei, respondeu Augusto.

E deu-lhe em troca a carta de Honorato.

O amigo, que fôra o portador das duas cartas, mal soube o conteúdo d'estas, perguntou aos dois primos o que tencionavam fazer.

— Eu hei de cumprir com as ordens de meu pae, disse Eugenio.

E eu tambem, acrescentou Augusto.

— Pois que, exclamou o amigo, chegaria a queimar a casa?

— Não. Mas aqui mesmo juro, que seja qual for a minha ruim fortuna, hei de fazer todos os esforços para que Eugenio não compre esta casa que amaldiçôo.

— Não a amaldiçoes, redarguiu Eugenio com tranquillidade, porque prometto diante d'este nosso commum amigo, cuidar com todo o desvelo em que não a vendas.

Tendo feito estas duas promessas, Augusto e Eugenio proseguiram com seu amigo o caminho da cidade, deixando solitaria por muito tempo a casa da tia Elisa.

(Continúa)

UM PRESIDIO NO MEXICO

Sejam quaes forem as intenções reservadas das tres potencias que hoje tem as suas esquadras no Mexico, é evidente, que o tratado de 30 de outubro de 1861, celebrado entre Hespanha, França e Inglaterra, teve por fim acudir ás continuas pugnas que havia n'aquella republica, e á falta de segurança que alli tinham os estrangeiros. Os proprios mexicanos exigiram a intervenção para dar estabilidade, e acaso nova fórma ao governo do seu paiz.

Um viajante moderno, M. Ronde, que percorreu os differentes estados d'aquella republica, refere que o Mexico não tinha força armada para se defender das continuas invasões dos indios bravos que assaltavam as povoações.

Tratando do estado de Chihuahua, que fórma a extrema fronteira norte do Mexico, desenha elle um dos presidios que alli ha para proteger as fazendas (herdades) contra os assaltos dos indios bravos. Este denomina-se presidio de Janos, e fica na raia do estado de Chihuahua. Os muros d'esta e similhantes praças de guerra são de tijolo. Toda a artilheria se reduzia a duas peças de calibre doze, atadas por cordas ao eixo de uma carroça commum. A guarnição compunha-se de uns sessenta a setenta homens. Além d'estes presidios officiaes, todas as fazendas tem sua fortificação artilhada para se defender.

Os seus maiores inimigos são os indios apachas, nome generico de muitas tribus dispersas pelo immenso territorio que se estende ao norte do estado de Chihuahua, na direcção de oeste, limitada pelo presidio del Altar, em Sonora, perto do mar de Cortez e bahia do Espirito Santo.

Todos estes indios fallam o mesmo idioma, com pouca differença na pronunciação. Os seus habitos variam segundo os logares, e as relações que tem com os brancos. Mas todos são amigos, e nunca tem guerra entre si. São temerarios, desconfiados, inconstantes, astuciosos; tem ares de soberbia, e são mui ciosos da sua liberdade e independencia.

A côr da pelle é acobreada; são bem apessoados, tem os olhos vivos e scintillantes; muitas vezes não se fallam senão por gestos, em circunstancias graves: o cabello é abundante, mas espetado e aspero; poucas vezes ornam a cabeça; não tem barba, e quando por acaso lhes desponta algum cabellinho, arrancam-no com uma pinça que trazem pendurada ao pescoço, como se fosse uma luneta cá na Europa.

São nómadas. Mudam de poiso ou rancharia conforme o perigo que os ameaça, ou a necessidade que tem de obter viveres; de preferencia escolhem os sitios escarpados e pedregosos para acampanharem. Fazem uma especie de pão com a resina ou gomma de certa semente de um fructo silvestre. Ainda nos mais

bem providos mercados, o apacha não se dá ao trabalho de procurar outro comestivel; basta-lhe esta gomma. Porém, quando os banquetêam, tiram a desforra: qualquer d'estes indios é então capaz de devorar um quarto de boi.

As suas armas são espingarda, frecha e lança. Manejam a espingarda com muita destreza, mas quasi sempre lhes falta polvora e capsulas. A frecha é que é temivel nas mãos d'elles; atiram com esta arma tão certeiros como se fôra uma carabina. Fazem as frechas da pedra obsidiana, cravando-as na ponta de um caniço de 55 centimetros. São muito bons lapidarios, como seus antepassados, os antigos aztecas. No museu da cidade de Mexico se conservam ainda, do tempo de Montezuma, muitas esculpturas, e entre ellas mascaras de jaspe excellentemente obradas.

As pontas d'estas frechas são de obsidiana branca, vermelha ou preta, segundo a tribu. Nas marchas vão espetando no chão, de espaço a espaço, algumas frechas, para indicar aos que os seguem o caminho que hão de tomar. Para avisar que venceram ou foram derrotados, usam de frechas de differente côr, e as tribus regulam-se por estes signaes.

A nossa estampa representa dois d'estes indios, aprisionados, que estão depondo aos pés do commandante do presidio as suas armas, para irem, como os outros captivos, trabalhar no presidio.

AGUIA DOIRADA

Toma-se a aguia por symbolo do genio e do saber, não porque é a rainha das aves, e todas a temem e se acovardam em a vendo; mas porque tem a vista penetrantissima e o vôo mui remontado.

A mythologia a deu por emblema a Jupiter, rei dos deuses; o christianismo ao Evangelista amado, e Santo Agostinho chama á egreja aguia dos doutores.

O imperio romano tomou a aguia por insignia do estandarte das suas legiões, crendo que esta ave, com as azas abertas, presagiava a victoria. A França tem ainda a mesma crença, desde o tempo de Bonaparte, cujas conquistas elle alcançou com o emblema d'esta ave de rapina.

Zoologicamente fallando, ha muitas especies de aguias, todas cosmopolitas, cinco das quaes vivem na Europa que são: a *aguia imperial*, a *aguia doirada*, a *aguia Bonelli*, a *aguia malhada*, e a *aguia calçuda*.

A aguia, temivel pela sua força muscular, e pelo alcance do vôo, é o terror das aves e dos mammiferos, de que faz o seu unico sustento. Mas para os prear não emprega sómente a sua força, nem a agudeza extraordinaria da vista que tem, usa tambem de astucia. É quasi sempre no ar que a aguia espia a preza. Quando a descobre, e lhe reconhece a direcção que leva, para ahi vae pousar no cume dos rochedos mais alcantilados; lá espera que o animal lhe passe ao alcance, e então se precipita como um raio sobre a victima, que fila nas garras (como a nossa gravura o representa), levando-a para o sitio d'onde baixou, a fim de a devorar á sua vontade.

A maior de todas as aguias é a doirada, que figura a estampa junta, pois tem commummente 1 metro e 10 centimetros de comprimento, e mais de 1 metro e 55 centimetros de envergamento, ou cruz das azas estendidas.

O macho é mais pequeno que a femea.

Tanto o macho como a femea tem o bico fortissimo, e muito parecido na materia á de uma substancia cornea azulada; as unhas são negras, e muito agudas, a maior das quaes, que é a posterior, ás vezes tem até 15 centimetros de comprimento; os olhos são grandes, mas parecem enterrados em uma concavidade profunda, que cobre a parte superior da orbita á maneira de alpendre. O iris dos olhos é de uma côr amarella clara, bellissima, e que brilha com um fogo vivissimo; o humor vitreo é côr de topazio; o cristallino, que é secco e solido, tem o brilhantismo e resplendor do diamante. É gorda, e muito, esta ave, particularmente no inverno; esta gordura é esbranquiçada, e a polpa, ainda que dura e fibrosa, não cheira, nem sabe ao matto, como a de todas as outras aves de rapina. O bico e unhas são recurvadas e formidabilissimas; independentemente d'estas armas, a aguia tem o corpo robusto e compacto, as pernas e azas fortissimas, os ossos firmes, a carne dura, as pennas asperas, a postura soberba e recta, os movimentos arrebatados, e o vôo rapidissimo. De todas as aves que se conhecem esta é a que se eleva mais nos ares; é perspicaz por excellencia, mas tem pouco olfacto comparativamente ao abutre; arrebata e leva aos ares gansos, grous, lebres, até cordeirinhos e cabritos; quando ataca e mata os veados novilhos, e os bezerros, para logo lhes bebe o sangue, cevando-se na carne; depois é que leva os restos e despojos para o seu ninho.

Posto que voracissima, a aguia póde passar muitos dias sem comer.

Em um sitio secco e inaccessivel, entre dois rochedos, é que a aguia estabelece e fórma a sua *eira*, que assim se chama ao seu ninho, porque com effeito é chato e plano, e não concavo como os da maior parte das outras aves; a sua construcção é á maneira de um assoalhado, feito de pequenas varas e paus, de $1^1/_2$ a 2 metros de comprido, firmes pelas duas pontas, e atravessados com ramos flexiveis, e coberto tudo com muitas camadas de junco e urzes; este solho tem alguns metros de largo, e bastante firmeza e solidez, não sómente para sustentar a aguia e a sua familia, mas tambem para soffrer o peso de grande quantidade de viveres que ella alli amontôa; é patente e descoberto por cima, sem outro abrigo mais que o prolongamento das partes superiores da rocha. No meio d'esta eira, que, segundo dizem, lhe serve em quanto vive, é que a femea deposita dois ou tres ovos, dos quaes só consegue tirar e criar um ou dois filhos; e tambem querem dizer, que, quando chegam a ser crescidos um pouco, a mãe mata o mais fraco, ou o mais devorador; sentimento deshumano, que só a falta de subsistencia poderia inspirar; os paes, julgando não ter bastante sustento para si, procuram por este modo diminuir a familia; e por isso mal os filhos começam a ter bastante vigor e força para voarem e proverem ás suas precisões, os lançam e espancam para longe, sem nunca mais lhes permittirem voltar a reunir-se na sociedade.

Em quanto ninhêgas, as aguias são brancas a principio, depois de um amarello pallido, e por fim fazem-se loiras de côr viva; a velhice, as doenças e o captiveiro as encanece. Affirma-se que vivem mais de um seculo; de tempo em tempo dão um grito agudo, sonoro, penetrante e lamentoso, com um tom sustido. Presas bebem raramente, e talvez nunca em liberdade, sendo bastante o sangue das suas victimas para lhes saciar a sêde.

A aguia tem sido sempre comparada ao leão, e o elegante Buffon nos faz o seguinte parallelo d'estes dois nobres animaes.

«Tem muitas conformidades, diz elle, e relações physicas e moraes a aguia com o leão; a força, e por conseguinte o imperio sobre todas as outras aves, como o leão sobre todos os outros quadrupedes; a magnanimidade, porque ambos egualmente desdenham os animaes pequenos, e não olham, nem fazem caso dos seus insultos, e só depois de haver sido provocada por muito tempo pelos gritos e berros importu-

nos e insoffriveis da gralha ou da pêga, é que a aguia se resolve a punil-as de morte: demais d'isto, a aguia nunca se senhoreia senão d'aquillo que ella mesma conquista, nem se apodera de outra preza senão da que ella faz: a temperança quasi nunca devora inteiramente a sua caça; como o leão, deixa e abandona aos outros animaes os restos e os despojos do seu poder. Por mais esfaimada que esteja, a aguia nunca se lança sobre cadaveres. Como o leão, vive solitaria, habitante erma do deserto, cuja entrada e uso de caça defende e véda a todas as outras aves de rapina, pois talvez seja mais raro encontrar dois casaes de aguias na mesma porção de montanha, do que duas familias de leões no mesmo districto e recinto de um bosque ou floresta: conservam-se perpetuamente separadas e distantes umas das outras, para que o espaço que entre si repartem, chegue e seja bastante para lhes fornecer uma ampla provisão de subsistencias, pois são animaes estes que não contam o preço e extensão do seu imperio pelo espaço de terra por que se estende, mas pela riqueza, abundancia e producto da sua caça. Tem a aguia tambem os



Aguia doirada

olhos fascinadores, e quasi da mesma côr que os do leão; as unhas são da mesma força e fórma; a respiração tem similhante fortaleza de arranco, e o seu grito é egualmente temeroso e horrivel. Ambos nascidos e destinados para o combate e para a rapina, egualmente são ambos inimigos de toda a sociedade e companhia; egualmente ferozes, egualmente bravos e soberbos, egualmente indomitos e intrataveis, sómente quando são colhidos muito ninhégos se póde conseguir amansal-os.»

A Austria tem ainda por brazão d'armas uma aguia com duas cabeças. Este emblema foi adoptado quando estavam dois imperadores romanos no mesmo throno, symbolo proprio para significar essa união, porque se taes aguias tem dois bicos para comer, como vulgarmente se diz, a dois carrilhos, não lhes duplicaram as garras, alliás necessitavam de mais prêas.

O uso da aguia com uma só cabeça, como Deus a creou, por insignia do imperio, é muito mais antigo. Vem dos persas, e a pouco e pouco se foi communicando aos romanos, que ao principio variavam, tomando por brazão dos seus estandartes, ora um lobo, já um leopardo, e por fim a aguia, segundo aprazia a cada general; até que no segundo anno do consulado de Mario, se estabeleceu que a aguia fosse insignia constante do imperio e das legiões.

Muitos seculos depois é que se tomou a aguia bicipite por brazão geral de todos os imperadores romanos.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.